

Boletim Econômico PUC-Campinas**Economia Administração e Ciências Contábeis à
serviço da Região Metropolitana de Campinas****Editorial**

Neste primeiro número do Boletim, no ano de 2009, apresentamos uma edição especial com a análise do comércio exterior da RMC e da cesta básica de Campinas ao longo do ano de 2008, em comparação com o ano de 2007.

Do ponto de vista do comércio externo, os dados, que podem ser melhor observados no conteúdo do Boletim, evidenciam um excelente ano do ponto de vista das relações externas, com crescimento acentuado no fluxo de comércio da região com o exterior. Este crescimento está associado a uma série de fatores, tais como, a expansão do crédito, o crescimento da demanda interna, a valorização da moeda brasileira durante boa parte do ano, dentre outros. O destaque, no entanto foi para as importações. Definitivamente, o ano de 2008 foi o ano da importação na RMC.

O Boletim contempla também a evolução dos preços da cesta básica em Campinas, que registrou em 2008 um crescimento da ordem de 11% em relação a 2007.

Cabe destacar, neste número, a chegada da crise financeira internacional na RMC, o que já pode ser claramente sentido nos números do comércio. Depois de uma primeira queda observada nas importações, no mês de outubro, presente no Boletim anterior, agora se observa uma forte redução do fluxo de comércio exterior da RMC, envolvendo tanto as

exportações quanto as importações. Neste momento, ainda com queda mais acentuada da importação.

Desta forma, com a diminuição do comércio externo se verifica uma diminuição da produção e dos investimentos na região. Assim, o ano de 2008 se encerra com reversão das tendências observadas ao longo de 2008, apontando agora para um ano de 2009 que vai se iniciar com muitas incertezas sobre o comportamento do desempenho futuro da economia brasileira e, conseqüentemente, da Região Metropolitana de Campinas.

Além do desempenho do comércio exterior e da cesta básica este número apresenta ainda um artigo do Professor José Alex Rego Soares, no qual o autor procura analisar os fundamentos da crise financeira internacional e apontar suas conseqüências para a economia brasileira alertando para a necessidade de uma ação mais incisiva e eficaz do Estado no período de crise.

Cabe informar ainda, que neste número especial, excepcionalmente não incorporamos a análise sobre o desempenho do emprego na RMC, esta análise retornará no próximo número.

Editores

NESTA EDIÇÃO:**Comércio Exterior da
Região Metropolitana
de Campinas
Pg. 02****Cesta Básica de
Campinas
Pg. 11****Artigo:
A economia brasileira,
a crise financeira e as
perspectivas para 2009
Pg. 17**

Comércio Exterior da Região Metropolitana de Campinas (RMC)

Prof. Adauto Roberto Ribeiro¹

Ano de 2008

Destaques:

- O ano de 2008 foi marcado por um grande movimento importador na RMC. A importação cresceu 31,7% enquanto a exportação cresceu apenas 3,7%.
- O grande movimento importador se deu, sobretudo, na categoria de bens de capital e bens intermediários confirmando a expansão da atividade econômica na região, com as empresas adquirindo mais máquinas, equipamentos e insumos no exterior.
- Apesar de ter diminuído sua exportação em 2008, Jaguariúna ainda se manteve como o município com mais vendas no exterior da RMC e Campinas passou a ser o maior município em importação da RMC ultrapassando Jaguariúna.
- A crise financeira internacional passou a afetar as empresas da região e desta forma o fluxo de comércio externo. Nos primeiros três meses de crise, a partir de outubro de 2008, ocorreu uma diminuição mais acentuada da importação da região. A importação entre setembro e dezembro de 2008 recuou 47,7% enquanto neste mesmo período a exportação diminuiu 22,5%.

COMÉRCIO EXTERIOR DA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS (RMC)

O ano de 2008 foi o ano da importação na RMC. No ano, a exportação da região cresceu apenas 3,7% enquanto que a importação aumentou em 31,7%. O déficit, representado pela diferença entre exportação e importação existente em 2007, de

aproximadamente US\$ 2,8 bilhões aumentou para cerca de US\$ 5,3 bilhões em 2008. Estes dados confirmam que ocorreu em 2008 um forte movimento de compras de bens no exterior pela empresas da região estimuladas pelo crescimento da demanda interna que expandiu de maneira significativa ao longo do ano.

Tabela 1. Balança comercial da RMC: 2006, 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

RMC	2006	2007	2008	var (%) 2008/07
exportação	5.576,8	5.884,1	6.104,2	3,7
importação	6.974,1	8.672,7	11.421,6	31,7
Saldo	(1.397,3)	(2.788,6)	(5.317,4)	90,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

¹ Professor do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas e coordenador do projeto de Extensão: "Acompanhamento do Comércio Exterior da RMC", com a participação dos discentes: Caio Diniz Xavier, Fabiana Aparecida da Cunha Pereira, Gabriel Schainer e Luciana Darbello.

A evolução da exportação e da importação nos 19 municípios que compõem a RMC pode ser observada na tabela 2 abaixo. com destaque para a diminuição da exportação nos municípios de Jaguariúna, que mesmo assim, ainda se manteve como o maior exportador e Campinas

que, ao longo de 2008, aumentou significativamente sua importação ultrapassando o município de Jaguariúna, fechando assim 2008 como o maior importador da RMC.

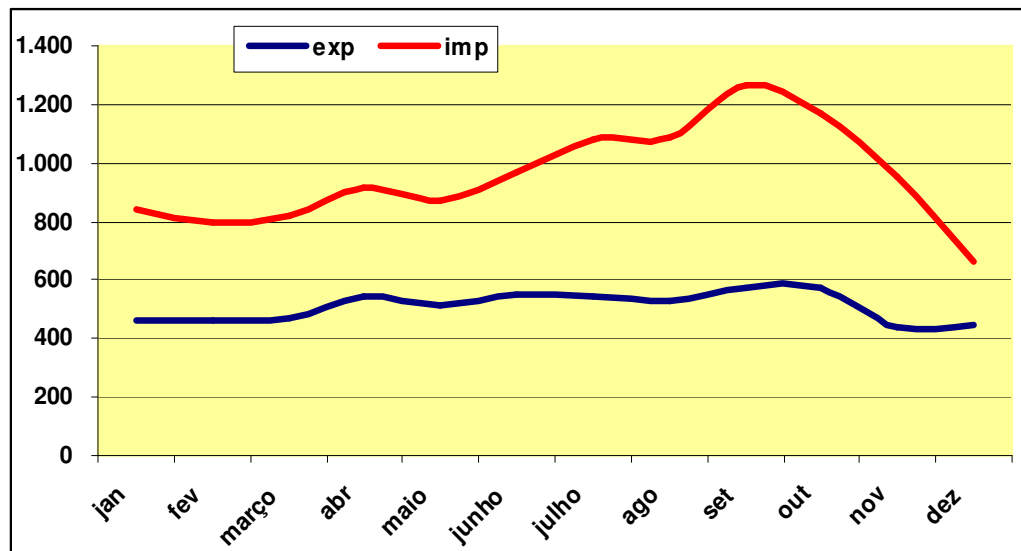
Tabela 2. Evolução da exportação e da importação por município da RMC: 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Municípios	exportação			importação			Saldo	
	2007	2008	var (%)	2007	2008	var (%)	2007	2008
Jaguariúna	1.435,1	1.297,9	(9,6)	2.238,7	2.151,8	(3,9)	(803,6)	(854,0)
Campinas	1.291,0	1.237,5	(4,1)	1.582,3	2.526,5	59,7	(291,3)	(1.289,0)
Indaiatuba	593,1	736,0	24,1	543,0	745,4	37,3	50,1	(9,4)
Sumaré	675,1	714,7	5,9	988,5	1.620,5	63,9	(313,4)	(905,8)
Paulínia	460,2	578,3	25,7	1.252,3	1.579,3	26,1	(792,1)	(1.001,0)
Americana	384,5	357,8	(6,9)	389,9	488,5	25,3	(5,4)	(130,7)
Vinhedo	234,4	290,9	24,1	379,9	492,7	29,7	(145,5)	(201,8)
Hortolândia	167,3	179,3	7,2	715,8	1.025,9	43,3	(548,5)	(846,6)
Valinhos	152,8	144,9	(5,2)	132,6	167,2	26,1	20,2	(22,4)
Monte Mor	92,9	127,7	37,5	133,2	177,3	33,1	(40,4)	(49,6)
Cosmópolis	69,1	106,9	54,8	53,8	87,4	62,4	15,3	19,5
Nova Odessa	102,6	103,2	0,5	54,6	65,9	20,7	48,1	37,3
Itatiba	89,9	84,9	(5,6)	96,8	132,4	36,9	(6,8)	(47,5)
Sta Bárbara	72,4	73,5	1,5	79,7	108,1	35,6	(7,4)	(34,6)
Pedreira	23,0	18,4	(19,8)	3,6	10,2	183,1	19,4	8,2
Eng. Coelho	12,3	17,4	40,6	1,4	2,8	104,5	11,0	14,6
Holambra	17,2	15,9	(7,3)	8,8	13,1	49,2	8,4	2,8
Sto Antonio	8,2	12,3	49,7	13,2	21,9	65,6	(5,0)	(9,7)
Artur Nogueira	3,0	6,7	126,5	4,5	4,6	1,1	(1,6)	2,1
RMC	5.884,1	6.104,2	3,7	8.672,7	11.421,6	31,7	(2.788,6)	(5.317,4)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Ocorreu crescimento mais acentuado da exportação nos municípios de Artur Nogueira, Cosmópolis, Santo Antonio de Posse, Engenheiro Coelho, Monte Mor, Paulínia, Indaiatuba e Vinhedo. Cabe destacar a diminuição observada na vendas externas dos dois maiores exportadores da região, Campinas (-4,1%) e Jaguariúna (-9,6%). Já a importação, que cresceu em 18 dos 19 municípios da RMC, só não aumentou em Jaguariúna, expandiu mais acentuadamente no município de Pedreira e Engenheiro Coelho. Apesar do crescimento

importador corrido em 2008, nos últimos meses do ano foi observada redução da importação e da exportação como podemos ver no gráfico 1, a seguir. No gráfico 1 podemos observar o movimento de expansão do comércio externo da região que vinha ocorrendo até setembro e a partir daí os efeitos da crise financeira refletindo em uma diminuição do fluxo de comércio internacional, com queda menos acentuada da exportação e uma forte retração da importação. De setembro a dezembro a exportação recuou 22,5% e a importação 47,7%.

Gráfico 1. Evolução mensal da Exportação e da Importação da RMC em 2008 (milhões US\$ FOB)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Comércio exterior da RMC em relação ao Estado de São Paulo e ao Brasil

Em função do baixo crescimento da exportação no ano de 2008 e do movimento importador crescente que vinha ocorrendo em todo o país, a RMC está

diminuindo sua participação relativa no comércio exterior tanto do Estado de São Paulo quanto do Brasil, como podemos observar na tabela 3.

Tabela 3. Participação da RMC no Comércio Exterior de São Paulo e do Brasil (%)

RMC	Exportação		Importação	
	(%) sobre SP	(%) sobre BR	(%) sobre SP	(%) sobre BR
2006	11,1	4,1	18,8	7,6
2007	10,5	3,7	17,8	7,2
2008	9,4	3,1	17,2	6,6

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Este dado demonstra que a região vem perdendo dinamismo exportador em relação ao total do estado e ao total do país, desta forma, medidas de apoio à exportação seriam importantes para aumentar a participação relativa da região no fluxo de comércio

externo do estado e do país gerando assim mais emprego e renda local.

A tabela 4, apresentada a seguir, permite observar a evolução dos bens importados e exportados pela RMC por categoria de bens.

Tabela 4: Exportação da RMC por categoria de bens - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Categoria de bens exportados	2007	Part (%)	2008	Part (%)	Var (%) 08/07
BENS DE CAPITAL	2.357,5	40,1	2.172,8	35,6	(7,8)
BENS INTERMEDIARIOS	2.584,8	43,9	2.775,8	45,5	7,4
BENS DE CONSUMO	850,5	14,5	982,9	16,1	15,6
BENS DE CONSUMO DURAVEIS	556,2	9,5	581,3	9,5	4,5
BENS DE CONSUMO NAO DURAVEIS	294,4	5,0	401,6	6,6	36,4
COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES	10,2	0,2	23,9	0,4	133,8
DEMAIS OPERACOES	81,1	1,4	148,9	2,4	83,5
TOTAL	5.884,1	100,0	6.104,2	100,0	3,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

O forte crescimento econômico que ocorreu na economia mundial no último ano foi responsável pela expansão das exportações da região, apesar da moeda brasileira apresentar valorização, o que dificultou que mais produtos da região fossem exportados aproveitando assim o “boom” do crescimento econômico mundial.

Como veremos adiante a exportação se expandiu mais para países da América Latina que apresentaram altas taxas de crescimento em suas economias em 2008 e para as quais apresentamos vantagens competitivas de localização.

Observando por categoria de bens percebe-se que houve retração na exportação apenas de bens de

capital e crescimento nas demais categorias, com destaque para o aumento de exportação de bens de consumo e combustíveis.

Do lado importador houve crescimento em todas as categorias de bens, com expansão mais acentuada da importação de combustíveis, o que já era esperado em função do aumento de preços deste bem no mercado internacional em 2008 e bens de consumo puxados pela expansão da demanda interna.

Destacam-se nas importações o crescimento das compras externas de bens de capital e intermediário, acentuando o ano de 2008 como de expansão e modernização das empresas da região.

Tabela 5: Importação da RMC por categoria de bens - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Categoria de bens importados	2007	Part (%)	2008	Part (%)	Var (%) 08/07
BENS DE CAPITAL	4.287,6	49,4	5.394,5	47,2	25,8
BENS INTERMEDIARIOS	3.911,8	45,1	5.241,6	45,9	34,0
BENS DE CONSUMO	467,6	5,4	752,0	6,6	60,8
BENS DE CONSUMO DURAVEIS	84,9	1,0	249,6	2,2	193,9
BENS DE CONSUMO NAO DURAVEIS	382,7	4,4	502,4	4,4	31,3
COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES	5,7	0,1	34,2	0,3	503,1
TOTAL	8.672,7	100,0	11.422,2	100,0	31,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Quanto ao destino da exportação nota-se que prevaleceram as vendas para os países vizinhos do Brasil, com destaque para o MERCOSUL que passou a ser o principal destino das exportações.

A exportação para o MERCOSUL cresceu 11,4% e desta forma cerca de 31% de todos os bens exportados pela região tiveram como destino este grupo de países.

O segundo mercado preferencial ficou com os demais países que integram a ALADI (Associação Latino americana de Desenvolvimento) um bloco composto por Chile, Bolívia, Equador, Peru, Venezuela, Colômbia, México e Cuba. Estes países em conjunto adquiriram 29% dos bens exportados pela RMC.

Tabela 6: Evolução dos principais destinos da exportação da RMC (milhões US\$ FOB)

Destinos da exportação	2006	part %	2007	part %	2008	part %	var % 2008/07
MERCOSUL	1.468	26,3	1.712	29,1	1.908	31,3	11,4
ALADI (excluindo o MERCOSUL)	1.781	31,9	1.867	31,7	1.778	29,1	(4,8)
ESTADOS UNIDOS	1.039	18,6	950	16,1	858	14,1	(9,7)
UNIAO EUROPEIA - UE	512	9,2	543	9,2	584	9,6	7,6
OUTROS	777	13,9	812	13,8	976	16,0	20,2
TOTAL DA RMC	5.577	100,0	5.884	100,0	6.104	100,0	3,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

* Agrega os países: Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, México e Cuba.

Com relação à origem dos bens importados (tabela 7), nota-se que os principais fornecedores continuam sendo os países da Ásia, excluindo o oriente Médio,

com 51,1% do total importado pela RMC sendo oriundos desta região.

Tabela 7. Evolução da origem da importação da RMC (milhões US\$ FOB)

Origem dos bens importados	2006	part (%)	2007	part (%)	2008	part (%)	var (%) 2008/07
ASIA (excluindo o Oriente Médio)	3.658	52,5	4.427	51,0	5.840	51,1	31,9
UNIAO EUROPEIA - UE	1.468	21,0	1.917	22,1	2.487	21,8	29,7
ESTADOS UNIDOS	1.132	16,2	1.341	15,5	1.572	13,8	17,2
ALADI (excluindo o MERCOSUL)	244	3,5	162	1,9	374	3,3	131,1
OUTROS	472	6,8	826	9,5	1.149	10,1	39,1
TOTAL DA RMC	6.974	100,0	8.673	100,0	11.422	100,0	31,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Os dados de origens e destinos dos produtos mostram a inserção externa da RMC. Percebe-se, claramente, uma inserção fortemente importadora de partes, peças e componentes oriundas de países asiáticos, para o abastecimento da produção industrial local. Em especial, vem ocorrendo um grande crescimento de importações da China. E, observa-se ainda uma especialização de bens com destino preferencial para os países da América Latina, com destaque para o MERCOSUL. Desta forma, a manutenção do crescimento econômico nos países latino-americanos é fundamental para o bom desempenho do comércio exterior da RMC e para a geração de empregos e renda na região.

Análise do comércio externo do Município de Campinas: ano 2008

As modificações ocorridas em 2008 no comércio exterior do município de Campinas foram mais acentuadas que as ocorridas na RMC. Em 2008 o município de Campinas diminuiu sua exportação em 4,1% e aumentou sua importação em 59,6%. O município passou de um fluxo de comércio com o exterior de cerca de US\$ 2,9 bilhões, em 2007, para aproximadamente US\$ 3,8 bilhões em 2008. Esta maior movimentação de mercadorias se refletiu em maior produção e emprego na região ao longo de 2008.

Tabela 8. Evolução da exportação e importação do município de Campinas (milhões US\$ FOB)

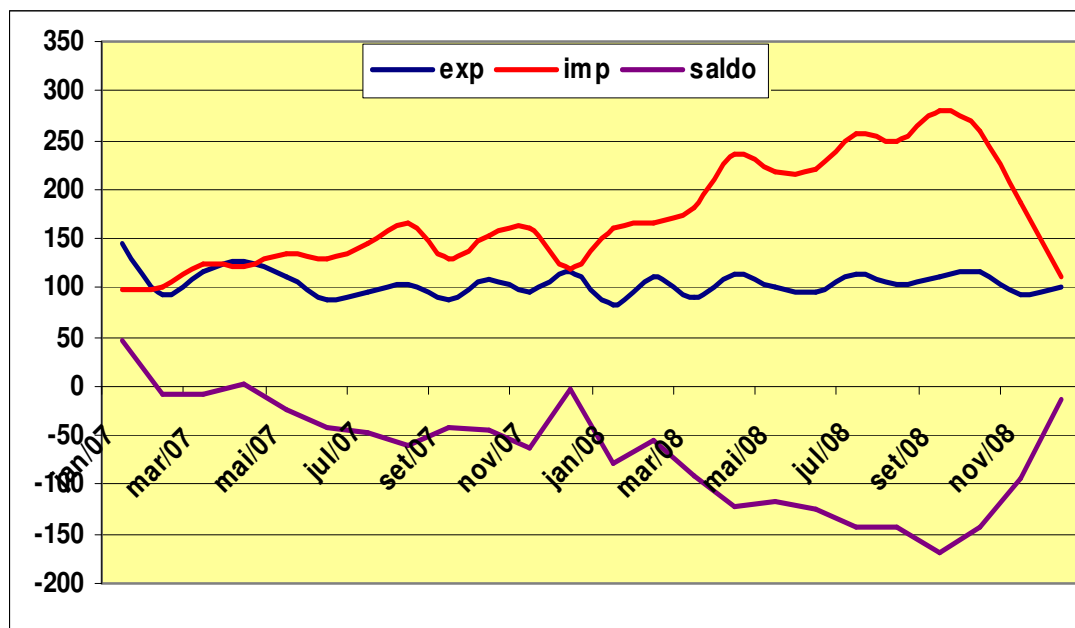
	2.006	2007	2.008	var (%) 2008/07
exportação	1.467	1.291	1.238	(4,1)
importação	1.365	1.582	2.526	59,6
saldo	102	(291)	(1.289)	342,4

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Apesar do crescimento da importação no ano, ao observarmos os dados mensais notamos a inflexão que ocorreu após o início da crise financeira (outubro de 2008). Assim, nos últimos três meses do ano a importação recuou significativamente, cerca

de 60%, enquanto a exportação não apresentou queda tão expressiva tendo diminuído apenas 9,8% neste período. A evolução mensal nos dois últimos anos pode ser observada no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Evolução mensal da Exportação e da Importação do município de Campinas (milhões US\$ FOB)



Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Bens comercializados com o exterior pelo Município de Campinas

No comércio exterior do município de Campinas ainda predominam as exportações de bens de capital, apesar da menor exportação ocorrida em 2008 com

queda de 21,8%. A dificuldade de se exportar estes bens coloca em discussão a influência da moeda valorizada e seu papel na competitividade externa desta indústria. O aumento das exportações de combustíveis está associado ao aumento de preços destes bens no comércio internacional,

Tabela 9. Exportação do município de Campinas por categoria de bens - (milhões US\$ FOB)

Exportação por fatores	2007	part %	2008	part %	var %
BENS DE CAPITAL	640	49,6	501	40,5	(21,8)
BENS INTERMEDIARIOS	484	37,5	487	39,4	0,6
BENS DE CONSUMO	86	6,6	100	8,1	17,1
DURAVEIS	51	4,0	51	4,1	(0,7)
NÃO DURAVEIS	34	2,6	49	4,0	43,8
COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES	0	0,0	1	0,1	235,0
DEMAIS OPERACOES	81	6,3	149	12,0	83,5
TOTAL DO PERÍODO	1.291	100,0	1.238	100,0	(4,1)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Já na importação, nota-se que no ano de 2008 as empresas do município foram às compras externas de bens de capital, o que significa expansão da capacidade produtiva instalada no município e uma intensa atualização tecnológica nos processos produtivos. Com o crescimento da produção local o segundo item mais importado foram os bens intermediários. Os dados evidenciam que as empresas produtoras de bens no município realizaram um forte movimento de expansão e

modernização e passaram a adquirir mais bens intermediários de fornecedores externos, no entanto, com o desaquecimento do mercado interno nos últimos meses do ano as importações foram inicialmente as mais afetadas e com a desvalorização da moeda brasileira as empresas terão que rever o volume de bens intermediários adquiridos no exterior, quem sabe substituindo parte deles por produtos nacionais.

Tabela 10. Importação do município de Campinas por categoria de bens – (milhões US\$ FOB)

Importação por fatores	2007	part %	2008	part %	var %
BENS DE CAPITAL	873	55,2	1.547	61,3	77,2
BENS INTERMEDIARIOS	576	36,4	801	31,7	39,2
BENS DE CONSUMO	133	8,4	148	5,9	11,3
DURAVEIS	20	1,3	15	0,6	(27,6)
NAO DURAVEIS	113	7,1	133	5,3	18,4
COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES	1	0,0	29	1,2	4.107,8
TOTAL DO PERÍODO	1.582	100,0	2.526	100,0	59,6

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Composição do comércio exterior do município de Campinas por produtos

Em 2008 o principal produto exportado pelo município de Campinas continuou sendo “os terminais portáteis de telefonia” (telefonia celular), porém, com menor participação percentual em relação ao total exportado pelo município em 2007,

a participação caiu 1,6 pontos percentuais. . Cresceu significativamente a exportação vinculada ao consumo de bordo e abastecimento das aeronaves, o que demonstra o grande crescimento verificado na movimentação de cargas e passageiros no Aeroporto de Viracopos, acompanhando o aumento do fluxo de comércio exterior verificado no ano.

Tabela 11. Principais produtos exportados pelo município de Campinas – 2008 - (milhões US\$ FOB)

Principais produtos exportados	2007	part %	2008	part %	var %
Terminais portáteis de telefonia celular	217	16,8	188	15,2	(13,4)
Consumo de bordo - comb. e lubrif. p/ aeronaves	81	6,3	135	10,9	66,7
Motor elétrico corr. altern. trif. 75KW<pot<=7500KW	76	5,9	82	6,6	7,9
Freios e partes p/ veículos	94	7,3	80	6,4	(15,2)
Apar. p/ cozinhar/aquecer.	47	3,6	48	3,8	1,0
Pneus novos p/ autom.	52	4,1	42	3,4	(19,8)
Turboalimentadores de ar,P<=50KG,/p motores explosão	22	1,7	28	2,2	25,2
Outras partes p/ motores de explosão	23	1,8	26	2,1	14,2
Ferramentas com motor eletr. incorp.	20	1,5	23	1,8	13,4
Dínamos e alternadores p/ motores explosão	25	2,0	21	1,7	(15,9)
Total do município	1.291	100,0	1.238	100,0	(4,1)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Os destaques quanto aos bens importados se concentram em bens intermediários, em especial, partes, peças e componentes para uso na indústria

local. São insumos utilizados principalmente nos setores eletro-eletrônico e automotivo, muito expressivos na estrutura industrial de Campinas.

Tabela 12. Principais produtos importados pelo município de Campinas – 2008 – (milhões de US\$ FOB)

Principais produtos importados	2007	part %	2008	part %	var %
Dispositivos de cristais líquidos (LCD)	63	4,0	174	6,9	174,0
Partes p/ aparelhos de telefonia	80	5,0	124	4,9	56,3
Circuitos impressos montados	41	2,6	87	3,5	111,8
Apar. transm. rec. digital p/ radiotel. F<15GHZ	0	0,0	64	2,5	---
Cloreto de potássio	22	1,4	61	2,4	179,9
Outros circuitos integrados monolíticos	43	2,7	56	2,2	30,4
Partes de dispositivos eletr. Ignição p/ motores	43	2,7	51	2,0	18,2
Memórias digitais montadas	33	2,1	47	1,9	43,6
Microprocessadores mont. p/ superf. (SMD)	28	1,8	45	1,8	58,8
Ap. transm. Telefonia celular p/ estação base	4	0,2	43	1,7	---
Total do município	1.582	100,0	2.526	100,0	59,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Destino e Origem do Comércio Exterior do município de Campinas

A Argentina passou a ser o principal destino da exportação do município de Campinas ultrapassando

os Estados Unidos. Confirmando a América do Sul como o mercado preferencial dos bens da região, as exportações campineiras para o Equador cresceram 377% e para o Uruguai cresceram 110%.

Tabela 13. Principais destinos dos produtos exportados pelo município de Campinas: 2008 (milhões de US\$ FOB)

Destino dos bens exportados	2007	part %	2008	part %	var %
ARGENTINA	219	17,0	254	20,5	16,1
ESTADOS UNIDOS	300	23,2	246	19,9	(18,1)
MEXICO	76	5,9	84	6,8	10,3
VENEZUELA	206	15,9	60	4,8	(70,9)
CHILE	36	2,8	40	3,2	9,8
ALEMANHA	47	3,6	39	3,2	(16,5)
URUGUAI	12	0,9	25	2,0	110,4
EQUADOR	5	0,4	24	2,0	377,5
RUSSIA	15	1,1	23	1,9	58,3
COLOMBIA	23	1,8	22	1,8	(1,0)
TOTAL DO MUNICÍPIO	1.291	100,0	1.238	100,0	(4,1)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Do lado da importação ocorreu uma modificação mais significativa, em apenas um ano a expansão da importação de bens provenientes da China fez com que este país passasse a ser o maior fornecedor

externo de bens para as empresas do município de Campinas, ultrapassando a Alemanha, os Estados Unidos e a Coréia do Sul. A importação proveniente da China cresceu 302,7% em 2008.

Tabela 14. Principais países de origem dos bens importados pelo município de Campinas: 2008 (US\$ FOB)

Origem dos bens importados	2.007	part %	2.008	part %	var %
CHINA	143	9,1	577	22,8	302,7
COREIA DO SUL	304	19,2	442	17,5	45,3
ESTADOS UNIDOS	274	17,3	309	12,2	12,9
ALEMANHA	214	13,6	283	11,2	32,3
TAIWAN	53	3,3	87	3,5	65,0
FRANCA	58	3,7	83	3,3	41,5
ARGENTINA	43	2,7	76	3,0	77,0
JAPAO	60	3,8	75	3,0	24,9
ITALIA	39	2,5	51	2,0	31,5
RUSSIA	26	1,7	47	1,9	79,0
TOTAL DO MUNICÍPIO	1.582	100,0	2.526	100,0	59,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC

Finalizando, o ano de 2008 terminou com uma guinada nas tendências que até então estavam sendo observadas para o comércio exterior da RMC e de Campinas, ou seja, de crescimento acentuado da importação e de baixo crescimento da exportação, frutos dentre outras coisas, de uma crescente expansão do mercado interno e de uma moeda local valorizada.

Com a crise financeira internacional, já esta ocorrendo uma diminuição no fluxo de comércio exterior da região, caso a crise se aprofunde e gere um crescimento menor das demais economias, ao longo de 2009, o fluxo de comércio internacional deverá diminuir afetando ainda mais a região de Campinas.

Nos primeiros meses da crise observamos um forte recuo da importação com as empresas se preparando para um menor consumo interno.

A exportação diminuiu menos que a importação, espera-se que seja menos afetada por dois motivos, em primeiro lugar em função da manutenção das compras por nossos mercados preferenciais (América Latina) e segundo pela desvalorização ocorrida com a moeda brasileira, o que facilita as vendas para o exterior, pois aumenta a competitividade dos produtos brasileiros que passam a ter preços menores. De qualquer maneira a crise esta em andamento e os seus impactos definitivos sobre o comércio externo da região só serão observados mais claramente ao longo dos próximos meses.

Cesta Básica de Campinas

Prof. Cândido Ferreira da Silva Filho²

Período: dezembro de 2008

Introdução

A pesquisa da cesta básica de Campinas, atividade de extensão realizada pela PUC Campinas, acompanha a evolução dos preços de 13 produtos de alimentação e o gasto mensal de um trabalhador para adquiri-los.

A metodologia da pesquisa da cesta básica de Campinas foi estabelecida com base no Decreto Lei no. 399, de 30 de abril de 1938, que regulamenta o salário mínimo no Brasil.

Resultados

A cesta básica de Campinas apresentou no mês de dezembro um custo médio de R\$ 218,36. Em novembro um custo médio foi de R\$ 214,13. Portanto, se manteve no último mês a tendência de aumento nos preços dos alimentos.

Em dezembro o aumento no custo da cesta básica foi de 1,98%.

Esta tendência também foi apurada pelo DIEESE, que registrou aumento nos preços dos alimentos nas principais capitais brasileiras (Tabela 1).

TABELA 1. Custo da cesta básica em dezembro de 2008 (em R\$) e variação mensal (em %).

Municípios	Campinas ¹	São Paulo ²	Belo Horizonte ²	Rio de Janeiro ²	Vitória ²	Goiânia ²	Brasília ²
Valor (R\$)	218,36	239,49	230,25	239,78	227,54	209,43	236,15
Variação (%)	1,98	0,35	2,15	6,45	0,61	1,41	4,68

Nota: 1. PUC Campinas. 2. DIEESE.

Em dezembro de 2007 o custo da cesta básica era de R\$ 196,45. Em dezembro de 2008 o custo da cesta básica ficou em R\$ 218,36. Portanto, neste período houve uma alta de 11,15% no custo da cesta básica. Por conseguinte, o aumento nos preços dos

alimentos que fazem parte da cesta básica foi superior ao aumento do salário mínimo. O salário mínimo aumentou apenas 9,21% no período. Na tabela 2 temos a evolução do custo da cesta básica de Campinas em 2008.

TABELA 2. Evolução do custo da cesta básica (em R\$) e variação mensal (em %). Em 2008.

Mês	Valor	%	Mês	Valor	%
Janeiro	202,22	2,94	Julho	213,34	0,42
Fevereiro	185,00	-8,52	Agosto	209,44	-1,83
Março	196,24	6,08	Setembro	207,81	-0,78
Abril	204,86	4,39	Outubro	212,42	2,22
Mai	209,24	2,41	Novembro	214,13	0,81
Junho	212,45	1,53	Dezembro	218,36	1,98

Fonte: PUC Campinas.

² Professor do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas.

Em dezembro o custo da cesta básica foi equivalente a 52,62% do salário mínimo. Em novembro o custo da cesta básica correspondia a 51,60% do valor do salário mínimo. Em dezembro de 2007 o custo da cesta básica era equivalente a 51,70% do salário mínimo (naquela época o salário mínimo era R\$ 380,00). Estes números evidenciam que o aumento nos preços dos alimentos implicou numa redução do poder de compra do trabalhador campineiro.

No que diz respeito à jornada de trabalho, em dezembro foram necessárias 115 horas e 46 minutos para adquirir a cesta básica. Sabendo que em novembro o trabalhador campineiro necessitava de 113 horas e 31 minutos para adquirir a cesta básica, fica demonstrada a necessidade de se trabalhar um

número maior de horas para adquirir a mesma quantidade de alimentos do mês anterior.

A Constituição determina que o salário mínimo deva atender às necessidades de uma família - 2 adultos e 2 crianças - em termos de alimentação, moradia, transporte, vestuário, saúde, educação, higiene, lazer e previdência. Segundo pesquisa do DIEESE os gastos com alimentação correspondem a 35,71% das despesas de uma família. Com base nestas informações, e considerando que o trabalhador campineiro gastou no último mês R\$ 218,36 para adquirir os alimentos que fazem parte da cesta básica, então o salário mínimo necessário para o trabalhador atender às suas necessidades e de sua família deveria ser de R\$ 1.834,44 equivalente a 4,42 vezes o salário mínimo vigente.

Comportamento dos preços

Na tabela 3 podemos verificar os preços médios dos itens que compõem a cesta básica de Campinas.

O gasto mensal do trabalhador para adquirir cada um dos itens que fazem parte da ração essencial está relacionado na tabela 4.

O comportamento (variação) dos preços dos alimentos em Campinas, no mês de dezembro está registrado na tabela 5.

TABELA 3. Preços médios (em R\$) dos alimentos da ração essencial. Campinas-SP, nos meses de dezembro, novembro e outubro de 2008.

Alimentos	Dezembro	Novembro	Outubro
Carne (kg)	13,43	13,94	13,90
Leite (l)	1,53	1,52	1,49
Feijão (kg)	3,36	3,82	4,49
Arroz (5kg)	9,57	9,62	9,24
Farinha de trigo (kg)	1,51	1,49	1,57
Batata (kg)	1,18	1,22	1,05
Tomate (kg)	3,17	2,25	1,72
Pão francês (kg)	5,45	5,16	5,20
Café em pó (500g)	4,48	4,12	3,99
Banana (kg)	1,23	1,38	1,47
Açúcar refinado (kg)	1,05	1,02	1,00
Óleo de soja (900ml)	2,44	2,49	2,59
Manteiga (200g)	2,68	2,49	2,62

Fonte: Preços médios apurados pela PUC Campinas.

TABELA 4. Gasto mensal, por itens, para aquisição da cesta básica. Campinas-SP, nos meses de dezembro, novembro e outubro de 2008. Em R\$.

Alimentos	Quantidades	Dezembro	Novembro	Outubro
Carne	6,0 quilos	80,58	83,64	83,40
Leite	7,5 litros	11,48	11,40	11,18
Feijão	4,5 quilos	15,12	17,19	20,21
Arroz	3,0 quilos	5,74	5,77	5,54
Farinha de trigo	1,5 quilo	2,27	2,24	2,36
Batata	6,0 quilos	7,08	7,32	6,30
Tomate	9,0 quilos	28,53	20,25	15,48
Pão francês	6,0 quilos	32,70	30,96	31,20
Café em pó	600 gramas	5,38	4,94	4,79
Banana	7,5 dúzias	13,84	15,53	16,54
Açúcar refinado	3,0 quilos	3,15	3,06	3,00
Óleo de soja	900 ml	2,44	2,49	2,59
Manteiga	750 gramas	10,05	9,34	9,83
Total		218,36	214,13	212,42

Fonte: Custo médio da cesta básica apurado pela PUC Campinas.

Observando a tabela 5 verificamos que os itens que registram reduções nos preços foram feijão (-12,04%), banana (-10,87%), carne bovina (-3,66%), batata (-3,28%), óleo de soja (-2,01%) e arroz (-0,52%). Os demais itens registraram aumentos nos preços, sendo que o tomate (40,89%) foi o item da cesta básica que apresentou a maior elevação nos preços no mês de dezembro. Outros itens com aumentos expressivos foram o café em pó (8,74%), manteiga (7,63%), pão francês (5,62%) e açúcar (2,94%).

No que diz respeito ao comportamento dos preços, sabemos que o feijão está com preços em queda por conta do período de safra. O mesmo ocorre com o arroz e o óleo de soja. O início da colheita destes itens no mês de dezembro contribuiu para a redução nos preços.

Apesar da redução dos preços da carne bovina (-3,66%) em dezembro, as expectativas são pessimistas para os próximos meses. Isto porque,

importantes regiões produtoras estão enfrentando severos problemas climáticos. De um lado, temos seca no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina e, de outro, excesso de chuvas e inundações em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

O tomate (40,89%) registrou alta exagerada nos preços. O aumento no preço do tomate foi motivado por chuvas em regiões produtoras e elevação nos custos de produção. O preço do açúcar (2,94%) registrou pequena elevação no mês de dezembro. Isto se explica pelo final da colheita de cana no Centro-Sul do País. O leite (0,66%) está com preços em alta. Todavia, as chuvas contribuem para aumento nas pastagens, isto favorece a produção e, por consequência, a expectativa é de queda nos preços nos próximos meses. O café em pó (8,74%) também está com preços em alta. Todavia, as expectativas são de uma boa safra. Isto pode levar à redução no preço do produto nos próximos meses.

TABELA 5. Comportamento (variação) nos preços dos alimentos. Campinas, dezembro de 2008. Em (%).

Alimentos	Dezembro¹
Carne (kg)	-3,66
Leite (l)	0,66
Feijão (kg)	-12,04
Arroz (5kg)	-0,52
Farinha de trigo (kg)	1,34
Batata (kg)	-3,28
Tomate (kg)	40,89
Pão francês (kg)	5,62
Café em pó (500g)	8,74
Banana (kg)	-10,87
Açúcar (kg)	2,94
Óleo de soja (900ml)	-2,01
Manteiga (200g)	7,63

Fonte: preços médios apurados pela PUC Campinas.

Anexo 1. CESTA BÁSICA DE CAMPINAS: banco de dados da metrópole

TABELA 1a. Preços médios dos alimentos. Campinas, 2008. Em R\$.

Alimentos	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Carne (kg)	10,81	10,20	10,75	11,77	11,90	11,98
Leite (l)	1,38	1,38	1,44	1,51	1,64	1,68
Feijão (kg)	5,48	5,31	4,70	3,71	3,57	3,81
Arroz (5kg)	6,52	6,98	6,85	6,18	7,97	9,24
Farinha de trigo (kg)	1,31	1,35	1,43	1,46	1,65	1,88
Batata (kg)	1,82	1,19	1,33	1,51	1,69	1,83
Tomate (kg)	2,81	1,80	2,40	2,88	3,15	3,02
Pão francês (kg)	4,50	4,50	4,90	4,53	4,62	4,65
Café em pó (500g)	4,14	4,10	4,16	4,08	4,06	4,02
Banana (kg)	1,28	1,20	1,35	1,64	1,42	1,50
Açúcar refinado (kg)	0,90	0,92	0,84	0,85	0,88	0,89
Óleo de soja (900ml)	2,68	2,81	3,00	3,06	3,13	2,95
Manteiga (200g)	2,27	2,40	2,36	2,45	2,50	2,42

Alimentos	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Carne (kg)	12,09	12,33	13,31	13,90	13,94	13,43
Leite (l)	1,60	1,56	1,46	1,49	1,52	1,53
Feijão (kg)	3,95	4,35	4,30	4,49	3,82	3,36
Arroz (5kg)	8,74	8,93	8,68	9,24	9,62	9,57
Farinha de trigo (kg)	1,80	1,85	1,61	1,57	1,49	1,51
Batata (kg)	1,65	1,58	1,10	1,05	1,22	1,18
Tomate (kg)	2,92	2,35	1,83	1,72	2,25	3,17
Pão francês (kg)	4,94	4,96	5,00	5,20	5,16	5,45
Café em pó (500g)	4,13	4,04	3,90	3,99	4,12	4,48
Banana (kg)	1,59	1,45	1,50	1,47	1,38	1,23
Açúcar refinado (kg)	0,90	0,89	0,96	1,00	1,02	1,05
Óleo de soja (900ml)	2,90	2,93	2,73	2,59	2,49	2,44
Manteiga (200g)	2,35	2,37	2,60	2,62	2,49	2,68

TABELA 2a. Evolução do custo da cesta básica por itens. Campinas, 2008. Em R\$.

Alimentos	Quantidades	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Carne	6,0 quilos	64,86	61,20	64,50	70,62	71,40	71,88
Leite	7,5 litros	10,35	10,35	10,80	11,33	12,30	12,60
Feijão	4,5 quilos	24,66	23,90	21,15	16,70	16,07	17,15
Arroz	3,0 quilos	3,91	4,19	4,11	3,71	4,78	5,54
Farinha de trigo	1,5 quilo	1,97	2,03	2,15	2,19	2,48	2,82
Batata	6,0 quilos	10,92	7,14	7,98	9,06	10,14	10,98
Tomate	9,0 quilos	25,29	16,20	21,60	25,92	28,35	27,18
Pão francês	6,0 quilos	27,00	27,00	29,40	27,18	27,72	27,90
Café em pó	600 gramas	4,97	4,92	4,99	4,90	4,87	4,82
Banana	7,5 dúzias	14,40	13,50	15,19	18,45	15,98	16,88
Açúcar refinado	3,0 quilos	2,70	2,76	2,52	2,55	2,64	2,67
Óleo de soja	900 ml	2,68	2,81	3,00	3,06	3,13	2,95
Manteiga	750 gramas	8,51	9,00	8,85	9,19	9,38	9,08
Total		202,22	185,00	196,24	204,86	209,24	212,45

Alimentos	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Carne	72,54	73,98	79,86	83,40	83,64	80,58
Leite	12,00	11,70	10,95	11,18	11,40	11,48
Feijão	17,78	19,58	19,35	20,21	17,19	15,12
Arroz	5,24	5,36	5,21	5,54	5,77	5,74
Farinha de trigo	2,70	2,78	2,42	2,36	2,24	2,27
Batata	9,90	9,48	6,60	6,30	7,32	7,08
Tomate	26,28	21,15	16,50	15,48	20,25	28,53
Pão francês	29,64	29,76	30,00	31,20	30,96	32,70
Café em pó	4,96	4,85	4,68	4,79	4,94	5,38
Banana	17,89	16,31	16,88	16,54	15,53	13,84
Açúcar refinado	2,70	2,67	2,88	3,00	3,06	3,15
Óleo de soja	2,90	2,93	2,73	2,59	2,49	2,44
Manteiga	8,81	8,89	9,75	9,83	9,34	10,05
Total	213,34	209,44	207,81	212,42	214,13	218,36

TABELA 3a. Custo da cesta básica em Campinas. Valor em R\$ e variação mensal em %.

Mês	Valor	%	Mês	Valor	%
Janeiro	202,22	2,94	Julho	213,34	0,42
Fevereiro	185,00	-8,52	Agosto	209,44	-1,83
Março	196,24	6,08	Setembro	207,81	-0,78
Abril	204,86	4,39	Outubro	212,42	2,22
Maió	209,24	2,41	Novembro	214,13	0,81
Junho	212,45	1,53	Dezembro	218,36	1,98

Artigo:**A Economia Brasileira, a Crise Financeira e as perspectivas para
2009*****Prof. José Alex Rego Soares³***

Definitivamente a economia mundial entra no ano de 2009 com graves problemas econômicos que só podemos comparar com a crise de 1929. O ano de 2009 é, com certeza, um momento no qual as economias mundiais terão que enfrentar os resultados de um modelo de desenvolvimento econômico que se constituiu através da especificidade do capitalismo contemporâneo e que se enquadra em uma dominância financeira de reprodução do capital (capital fictício em detrimento do capital produtivo). Articulando dessa maneira, uma possibilidade de riqueza fictícia, fenômeno esse já alertado por Marx no século XIX, dinheiro que reproduz dinheiro (D-D').

A crise financeira nesse final de ano deixa evidente que a mesma já extrapolou o mundo virtual, o mundo da reprodução da riqueza fácil, onde só bastava colocar o dinheiro em uma aplicação (bolsa), que as taxas de retorno estavam garantidas.

A desregulamentação financeira que vem ocorrendo nos últimos 30 anos explica uma parte da crise, pois não podemos vender simplesmente a idéia de que basta regulamentar o mercado financeiro ou de que, se existisse uma regulamentação severa, a crise estaria descartada. A explicação ajuda, mas não é bem assim.

É da natureza do capitalismo esse processo de antropofagia que a crise nos revelou durante todo esse ano de 2008. O

desenvolvimento do sistema está pautado na busca incessante de lucros, um processo de acumulação de capital moldado pela rapidez com que esse processo se concretiza, transformando toda estrutura produtiva e financeira, uma sofisticação cada vez maior.

Esse processo leva modificações ao conjunto da sociedade, pois o processo de acumulação leva ao desenvolvimento de novas necessidades sociais que, por sua vez, exigem mecanismos de financiamentos de produção e de consumo. Não vamos nos enganar, é o lucro o processo de acumulação de capital que desenvolve esse processo, e não o consumo.

Foi esse mecanismo de acumulação de capital que levou a esse processo em que vivemos, no qual a produção, que é igual à reprodução na esfera material, foi substituída pela produção e reprodução do dinheiro que se transforma em mais dinheiro, sem nenhum processo de intermediação material.

A Crise e o Brasil

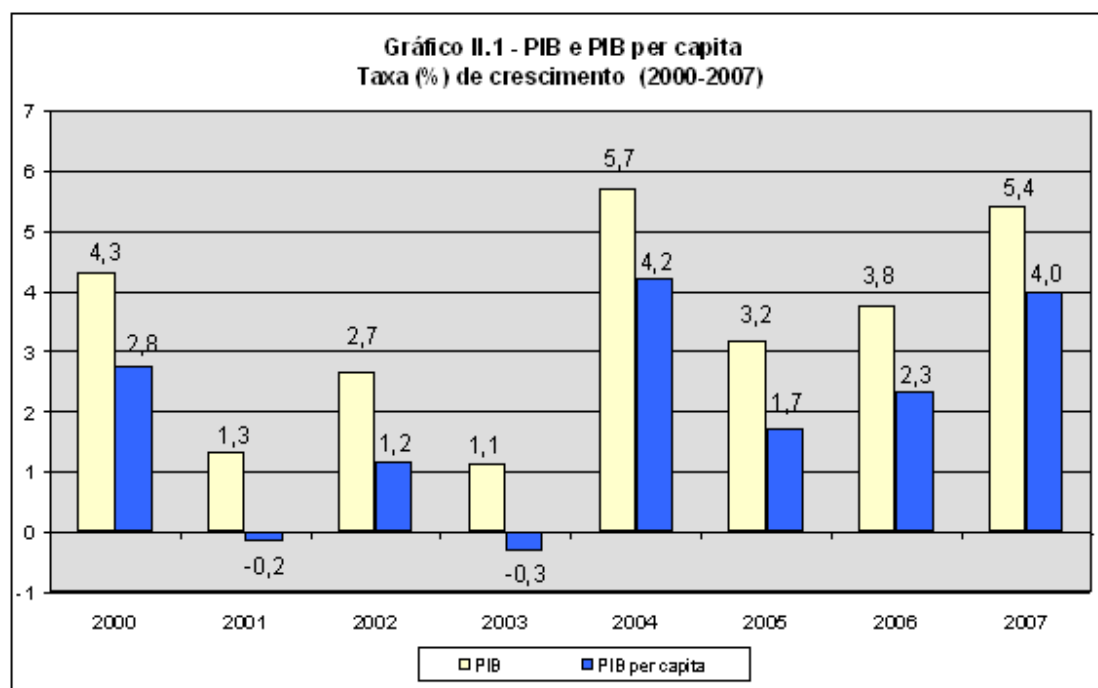
A crise é bem severa e o Brasil tem que estar bem atento para enfrentar seus desdobramentos, com ferramentas adequadas para entrarmos 2009 com alguma capacidade de resposta frente aos acontecimentos. Para isso, as autoridades econômicas terão que utilizar-se de toda perspicácia, rompendo seus dogmas passadistas (neoliberais).

³ Professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas.

O Estado, em 2008, passou a ser um ator importante frente aos acontecimentos repercutidos pela crise, e tudo indica que o ano de 2009 não será diferente, ainda mais porque os dogmas liberais, que se arrastaram durante os últimos vinte anos, nos apresentam seus resultados dramáticos. Logo, países como o Brasil têm que depurar desses dogmas, em especial os dirigentes do Banco Central Brasileiro.

Os instrumentos que poderão ser utilizados para enfrentar a crise, que já chegou nesse segundo semestre de 2008 e promete ser

bem severa no primeiro semestre de 2009, causando seqüelas para o bom desempenho da economia no decorrer do próximo ano e rompendo, dessa maneira, o ciclo positivo de crescimento da economia dos últimos 4 anos, (conforme quadro abaixo) podendo nos remeter a um novo ciclo de *stop and go*. As previsões de instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) fazem previsões de contração de 1 % na economia Brasileira e de que poderia ser retomada a previsão de crescimento da economia brasileira apenas em 2010.



Fonte: Ministério da Fazenda (<http://www.fazenda.gov.br/>).

Definitivamente não existe razão para omissão na utilização dos instrumentos de política econômica que estão na mão do Banco Central Brasileiro e, em nome de um fantasma que já não nos pertence mais (Inflação), recusa-se a utilizar de maneira eficiente uma redução na taxa de juros, como apresentada na ata da 139ª reunião do Copom nos dias 9 e 10 de Dezembro, mantendo a taxa em 13,75%. Poderíamos entrar

em 2009 com uma sinalização clara que não estamos dispostos a amargar uma recessão e continuar a ser a economia no mundo que mais remunera o capital rentista no mundo (fictício), sufocando o desenvolvimento da nossa economia.

As tomadas de decisões que o Governo precisa fazer são extremamente importantes, já que precisamos romper claramente com as

amarras liberais do passado, na frente monetarista, na frente fiscal e na intervenção direta do Estado na economia.

Sim, o Governo precisa assumir que tem um papel estratégico no desenvolvimento econômico e, mais ainda, numa crise com essa envergadura. O Estado tem que deixar claro as metas para 2009 à respeito das políticas do Programa de Aceleração Econômica (PAC), tomando para sua responsabilidade a decisão urgente de investimentos na economia, com afrouxamento do superávit primário para geração de divisas para o investimento público, assegurando assim o emprego e o consumo da população brasileira, uma política de desoneração tributária dos produtos consumidos pela população de renda média, média baixa e essencialmente dos produtos consumidos pelas classes mais baixas.

As respostas poderiam acontecer de imediato, sendo assim, um presente de natal para a população brasileira. Não precisamos entrar em 2009 e sentirmos os efeitos mais agudos da crise para depois reagirmos. A resposta pode ser dada de maneira antecipada, bem como a tentativa de anular os efeitos antes que os mesmos nos venham a entorpecer com uma recessão.

A resposta para essa crise passa por uma busca de mantermos o mercado interno funcionando a pleno vapor.

Perspectiva para o próximo período

A crise que o capitalismo enfrenta, nesse começo de século XXI, é uma crise da lógica de valorização financeira autônoma frente à economia real, impondo uma desorganização nos seus mecanismos de produção e contaminando, desta maneira, a economia real.

A recuperação da economia não passa apenas por reestruturar a liquidez da economia para o crédito ou aplicar ações governamentais de alavancagem da demanda, é uma crise que definirá uma nova roupagem das instituições capitalistas nesse século, em que tanto as instituições financeiras como as estatais terão que ser repensadas para o futuro da sociedade de consumo. Definir um prazo para sair dessa crise é algo, no mínimo, prematuro e incerto.

O ano de 2009 definitivamente não será um ano fácil para economia mundial e para economia brasileira, logo as autoridades econômicas terão, para o próximo ano, muito trabalho para não nos afundarmos junto com as economias mais importantes do mundo, buscar um rompimento definitivo com o modelo neoliberal, que é responsável por grande parte dessa crise, e propor um modelo de desenvolvimento que ocupe o vácuo do liberalismo econômico.

Boletim Econômico PUC-Campinas**Núcleo de Pesquisa e Extensão do CEA**

Rodovia Dom Pedro I, km 136
Parque das Universidades - Campinas - SP
CEP 13086-900

Tel: 19-3343-6776

Fax: 19-3343-7048

boletim_economico@puc-campinas.edu.br

www.puc-campinas.edu.br/imprensa/boletim_economico

Conselho Editorial:

Antônio Carlos de Azevedo Lobão
Eduard Pranic
Gideon Carvalho de Benedicto
José Antônio Bernal F. Olmos
José Homero Adabo
Lineu Carlos Maffezoli
Márcio Roberto P. Tangerino
Marcius Fabius Henrique de Carvalho
Marcos Francisco de Souza
Nelly Maria Sansigolo de Figueiredo
Paulo Antônio da Graça Lima Zuccolotto

Comitê Editorial:

Adauto Roberto Ribeiro
Bruna Angela Branchi (Editora executiva)
Candido Ferreira da Silva Filho
Eliane Navarro Rosandiski
Nelly Maria Sansigolo de Figueiredo (Editora geral)

**Pontifícia Universidade Católica de
Campinas**

Reitor: Prof. Pe. Wilson Denadai

Vice-Reitora: Profa. Angela de Mendonça Engelbrecht

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Germano Rigacci
Júnior

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Profa. Vera
Engler Cury

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários: Prof.
Paulo de Tarso Barbosa Duarte

Pró-Reitora de Administração: Profa. Angela de
Mendonça Engelbrecht

Centro de Economia e Administração (CEA)

Diretor

Prof. Antônio Carlos de Azevedo Lobão

Diretor Adjunto

Prof. Eduard Pranic

Diretor da Faculdade de Administração

Prof. Paulo Antônio da Graça Lima Zuccolotto

Diretor Adjunto da Faculdade de Administração (Comércio
Exterior)

Prof. José Antônio Bernal F. Olmos

Diretor Adjunto da Faculdade de Administração (Logística e
Serviços)

Prof. Marcius Fabius Henriques de Carvalho

Diretor da Faculdade de Economia

Prof. Lineu Carlos Maffezoli

Diretor da Faculdade de Ciências Contábeis

Prof. Marcos Francisco Rodrigues Sousa

Coordenadora do Núcleo De Pesquisa e Extensão

Prof. Nelly Maria Sansigolo de Figueiredo

Assessoria e Divulgação
Departamento de Comunicação da PUC-Campinas